

# Pesquisadores estudam sítios arqueológicos

Comitiva da UFMA desbrava região da Baixada e faz novas descobertas de povos que viveram entre 1.500 e 1.000 anos, cuja existência só pode ser observada nessa parte do Brasil

**escolha VENCER**  
COM QUEM POSSUI OS MELHORES CURSOS  
Farmácia  
Segurança no Trabalho  
Enfermagem | Logística

**vestibular 2016**  
vestibular.mauriciodenassau.edu.br

FACULDADE MAURÍCIO DE NASSAU ser

Fotos/Biaman Prado



Equipe de pesquisadores busca ossos no local, mas as chances são as menores possíveis, devido a uma série de fatores, como a qualidade do solo, ritmos das cheias e as chuvas ou animais que costumam revirar a terra

ADRIANO MARTINS  
Da equipe de O Estado

## SANTA HELENA

Josenias Amaral dos Santos, assim como a maioria das pessoas que cresceram à beira dos campos alagados na Baixada Maranhense, principalmente nos municípios de Santa Helena, Penalva, Pinheiro e Olinda Nova, vivia juntando cacos de cerâmica, pedaços de pedras e até mesmo peças inteiras, como pequenos vasos e cachimbos, que eram encontrados na água.

Na época, o menino não tinha muita consciência do que era aquilo. Só ouvia o relato dos mais velhos de que eram objetos dos índios, mas hoje, aos 49 anos, ele tem consciência de que os “caquinhos” encontrados fazem parte da história de um povo anterior ao seu e cuja importância para o entendimento da humanidade é crucial.

Tanto que, ao encontrar um enorme vaso enterrado no seu quintal, Josenias Amaral foi atrás de alguém “mais entendido no assunto” e se encontrou com o professor Alexandre Navarro, arqueólogo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), que lhe contou ser aquele vaso uma urna funerária e que provavelmente o terreno onde estava sua casa seria um antigo cemitério indígena.

Lá pelo começo do século XX, há mais ou menos 100 anos, o professor Raimundo Lopes desbravava os lagos da Baixada Maranhense e descobria que, centenas de anos antes dele colocar os pés naquelas regiões, diversas sociedades complexas e extremamente povoadas viviam sobre aquelas águas, criando verdadeiras “cidades flutuantes”, com até dois quilômetros quadrados de extensão e milhares de moradores.

Era o “Povo da Água”, que cortava, na base da machadinha de pedra, os poderosos troncos de madeira de lei, como pau d’arco e pau santo, e construíam suas casas em formatos de palafitas, sobre estruturas chamadas esteios, dentro dos rios e lagos. Daí ficaram conhecidas como estearias.

## Desbravamento

Hoje, início do século XXI, outro grupo de pesquisadores, desta vez liderado pelo professor Alexandre Na-



Professor Alexandre Navarro mostra peça encontrada na área da pesquisa e Josenias Amaral, morador do terreno onde estão os sítios

## MAIS

### Importância da pesquisa

A produção desse projeto é de extrema importância. Primeiro porque é um tipo de sítio arqueológico, até onde se sabe único no contexto da pré-história brasileira; segundo, por ter sido muito pouco estudado; terceiro, porque ainda está muito bem preservado, dado seu contexto aquático. Por fim, por apresentar iminentes riscos de destruição.

## Quem eram esses povos que habitaram o estado

Ainda hoje os pesquisadores da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) não têm conhecimento de quem eram os povos que habitavam os lagos e rios da Baixada Maranhense. Sabe-se, contudo, que eles só existiam naquela parte do Brasil. Embora existam relatos de que outros povos lacustres possam ter vivido na Amazônia, nunca foram encontradas evidências reais, como as achadas em Santa Helena, Penalva, Pinheiro e Olinda Nova.

Para o professor Raimundo Lopes, que foi o primeiro a estudar essas comunidades em 1916, essas

seriam populações tardias de filiação amazônica que migraram para a Baixada. O pesquisador Olavo Correia Lima ressalta que esses povos seriam grupos Nu-arawak, expulsos anos mais tardes pelos tupi-guaranis.

Já o arqueólogo Deusdedit Carneiro Leite Filho argumenta que as estearias foram formadas por grupos intrusivos na região, que se organizaram em aldeias autônomas ou inversamente, em um conjunto de habitações com algum vínculo político entre si, dadas sua homogeneidade cultural e contemporaneidade.

varro, retornou aos mesmos locais e retomou o trabalho de Lopes, desbravando ainda mais a região e relatando novas descobertas a respeito desses povos que viveram entre 1.500 e 1.000 anos antes de nós e cuja existência só pode ser observada nesta parte do Brasil, tornando-os, assim, únicos na pré-história brasileira.

Uma dessas descobertas é justamente o cemitério na casa de Josenias Amaral. Até então, as pesquisas realizadas apontavam a forma de vida desses povos, mas não dizia como eles enterravam seus mortos. Fato que pode ter sido elucidado agora. “Acreditamos que eles viviam nos lagos e rios e enterravam seus mortos em montes, próximos a esses lugares”, explica Navarro, destacando que sempre perto dessas comunidades pode ser localizada alguma elevação que não era

utilizada como morada, mas como cemitério.

Uma busca no terreno onde fica a casa de Josenias Amaral serviu para corroborar a tese do professor, visto que mais quatro urnas, parecidas com a primeira, foram encontradas espalhadas no local. E a lógica, segundo Navarro, é que a área esteja cheia de outros depósitos de ossos.

Só que os depósitos estão vazios. As chances de se encontrar um osso no local são as menores possíveis, devido a uma série de fatores, como a qualidade do solo, que é argiloso e bastante ácido, o ritmo das cheias, as chuvas e animais escavadores comuns na região, como os tatus, que podem ter revirado as urnas.

O objetivo final da pesquisa do professor é elaborar uma carta arqueológica a respeito dos povos que habitavam a Baixada Maranhense. Uma carta arqueológica é um tipo de registro que busca inventariar os sítios de uma determinada área geográfica definida pelo pesquisador, para posterior estudo e interpretação.

## Novos achados

Além das urnas funerárias e do cemitério indígena, a equipe de pesquisadores da Universidade Federal do Maranhão conseguiu identificar, com a ajuda de moradores, mais dois sítios arqueológicos ricos em material para pesquisa. Desta vez, às margens do Rio Paruá, um dos afluentes do Rio Turiaçu.

Fernando Ferreira, pescador e morador do povoado de São Bento, foi um dos que ajudaram a equipe de Navarro na empreitada. Ele conta que sua avó era índia e sempre falava do tempo em que havia aldeias no local, em terra seca. Ele mesmo cresceu catando cerâmicas indígenas no rio, e sua avó dizia que eram de povos antigos, de muito antes dela.

Daí que ele levou os arqueólogos até o meio do rio, que nesta época do ano está seco, devido ao período prolongado da estiagem, e ia arrancando com as mãos, do meio da lama negra, os cacos de artefatos indígena de centenas, talvez milhares, de anos atrás. Outro sítio no mesmo rio mostrava os esteios presos ao chão. ●

VÍDEO NA VERSÃO DIGITAL

oestadoma.com